

QUANDO O RIO COMANDA A VIDA:

A DINÂMICA DA VIDA DE MULHERES NA AMAZÔNIA

Greicielle Rodrigues da Costa

Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Professora efetiva de Língua Portuguesa na educação básica pela SEDUC-AM. Mestranda do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UEA) Integrante do Grupo de pesquisa de Estudos de Gênero (GREG) CNPQ. Orcid <https://orcid.org/0009-0008-0037-6661>
E-mail: greicielerodrigues5@gmail.com

Thaila Bastos da Fonseca

Graduada em Letras- Língua Inglesa (UEA-PARFOR); Mestra em Ciências Humanas (PPGICH-UEA); É integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6632-6439>
E-mail: thailabastos@yahoo.com

Resumo: Este artigo examina os impactos da estiagem severa de 2024 na vida das mulheres amazônicas, destacando a relação entre suas realidades e a escassez de recursos hídricos. A pesquisa, de natureza qualitativa, combina relatos orais e análise bibliográfica das obras *O Rio Comanda a Vida* (1972) de Leandro Tocantins e *Amazonas – Pátria da Água* (2002) de Thiago de Mello. Entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres de áreas afetadas pela seca no município de Tefé/AM revelam um quadro de vulnerabilidade, com dificuldades no acesso à água potável, alimentos e transporte. A análise das obras literárias complementa esses relatos, evidenciando como a seca compromete tanto a sobrevivência quanto as estruturas sociais e culturais das comunidades onde o rio é fundamental para a vida. O estudo conclui com a necessidade urgente de políticas públicas eficazes para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, com foco nas mulheres que dependem diretamente dos rios para sua subsistência e qualidade de vida.

Palavras-chave: Estiagem; Mudanças Climáticas; Mulheres; Tefé/AM.

Abstract: this article analyses the impacts of severe drought of 2024 on women lives in Amazon while highlighting the relationship between their realities and the absence of hydric resources. This is qualitative research that combines oral reports and a bibliographical analysis of the works *O Rio Comanda a Vida* (*The River Rules Life*) (1972), by Leandro Tocantins, and *Amazonas – Pátria da Água* (*Amazon – Country of Water*) (2002), by Thiago de Mello. Semi-structured interviews with women of the areas affected by the drought in Tefé/AM reveal a vulnerable scenario, with difficulties in accessing drinkable water, food, and transport. The analysis of the literary works

complements these reports, evidencing how the drought compromises both the survival and the social and cultural structures of the communities where the river is essential to life. The study concludes with the effects of the climatic changes, focusing on the women who directly depend on the rivers for their survival and quality of life.

Keywords: Drought; Climatic Changes; Women; Tefé/AM.

INTRODUÇÃO

A Amazônia é conhecida pelo seu vasto ecossistema, repleto de biodiversidade e pela rica diversidade cultural, onde as comunidades locais desenvolvem formas de vida intrinsecamente ligadas à natureza. No entanto, nas últimas décadas, essa região tem enfrentado desafios sem precedentes, exacerbados por um cenário de mudanças climáticas e aquecimento global. A estiagem intensa e prolongada, resultante de um complexo jogo de fatores ambientais e socioeconômicos, tem se tornado uma realidade alarmante, afetando a vida de milhões de pessoas e colocando em risco a sustentabilidade de práticas tradicionais. Para o homem amazônida, “o rio é o que comanda a vida”, como bem enalteceu Leandro Tocantins (1988), ao ressaltar sua importância como o grande condutor de vida do amazônida.

Dessa forma, pensar a Amazônia vai além de uma mera abordagem geográfica ou ambiental. Uma complexidade que permeia esse vasto território exige um olhar múltiplo, que abre as interações entre os diversos sistemas naturais, culturais e sociais. É nessa perspectiva que a obra de Edgar Morin, *Introdução ao Pensamento Complexo* (2005), oferece um arcabouço teórico fundamental para compreender os desafios da Amazônia. Segundo Morin, a complexidade se dá nas inter-relações e nas incertezas, onde o todo e as partes se influenciam mutuamente, criando uma teia de características que só pode ser compreendida por meio de uma visão sistêmica. Essa aplicação de visão à Amazônia, especialmente em tempos de estiagem severa, permite revelar como a água, os rios e o ambiente se conectam de maneira profunda com as vidas e práticas culturais das populações locais.

O presente trabalho, portanto, busca articular essa abordagem teórica à realidade vivida por mulheres amazônicas que enfrentam os efeitos da estiagem no ano de dois mil e vinte quatro (2024). A pesquisa reúne relatos dessas mulheres, cujas vidas estão entrelaçadas com o ciclo das águas, afetadas diretamente pela crise hídrica que agrava suas condições de trabalho, alimentação e locomoção. Esses testemunhos ganham ainda mais

importância ao serem entremeados por reflexões extraídas das obras *O Rio Comanda a Vida* (1972) de Leandro Tocantins e *Amazonas – Pátria da Água* de Thiago de Mello (2002), que descrevem a relação histórica e simbólica da região com os rios e as águas, elementos que estruturaram a economia e o cotidiano amazônico, além de moldar o imaginário cultural e poético da região.

A partir dessa análise, propõe-se um diálogo entre o pensamento complexo de Morin (2011), os relatos das mulheres e as reflexões literárias e poéticas que retratam a resistência e a resiliência das populações amazônicas, tecendo uma visão integrada da crise hídrica e de seus efeitos multifacetados sobre as vidas dessas mulheres e sobre o próprio ecossistema cultural da Amazônia. Para iniciar esta discussão recorreremos ao convite de Thiago de Mello (2002):

Vem comigo, é claro o tempo
e sopra o vento geral.
Vamos devagar, remando
na água negra transparente,
tomando todo cuidado
para que a proa do casco
não vinque a fímbria da luz.
Vem comigo descobrir
as fontes verdes da vida.
Mas contigo traz amor
para com dor aprender
(Mello, 2002, p. 16).

AMAZÔNIA COMPLEXA: REFLEXÕES A PARTIR DE THIAGO DE MELLO

A Amazônia se destaca como um dos ecossistemas mais complexos do planeta, por sua vasta biodiversidade e também pela riqueza de suas interações sociais, culturais e ambientais. Segundo Edgar Morin (2011), a complexidade se caracteriza pela interconexão de múltiplas dimensões que interagem de maneira não linear, refletindo a dinâmica intrínseca dos sistemas naturais e sociais. Essa abordagem é essencial para compreender a Amazônia, onde as relações entre seres humanos e natureza se entrelaçam em uma “tecitura”.

Para Morin (2011), a complexidade não deve ser vista como um obstáculo ao conhecimento, mas sim como uma oportunidade para expandir

nossa compreensão do mundo. A Amazônia exemplifica essa visão ao revelar que os desafios enfrentados pela região – como o desmatamento, a exploração econômica e as mudanças climáticas – são interdependentes e não podem ser aplicados de forma isolada. Cada um desses problemas reflete e afeta outros, formando um emaranhado.

Um aspecto essencial da complexidade na Amazônia é a diversidade de saberes e práticas que surgem das comunidades locais. Os conhecimentos tradicionais, muitas vezes ignorados em investigação acadêmica e política, são importantes na gestão sustentável dos recursos naturais.

Podemos refletir sobre a complexidade da Amazônia a partir da obra *Amazonas, Pátria da Água* de Thiago de Mello (2002). Nela, somos convidados a reconhecer a vastidão e profundidade do bioma amazônico como um território natural e como um espaço de inter-relações culturais, sociais e ambientais de grande magnitude. A obra de Mello (2002) traz uma visão poética voltada para a Amazônia, destacando como a água, símbolo fundamental de sua narrativa, permeia e estrutura as vidas das populações que nela habitam. O poeta retrata a Amazônia como uma “pátria da água”, uma metáfora que mostra a interdependência entre os seres humanos, a floresta e seus cursos d'água, ao mesmo tempo que denuncia a exploração e a destruição desse ecossistema.

A Amazônia, na perspectiva de Thiago de Mello (2002), é um território complexo, onde as águas são fontes de vida e de cultura. Elas representam a cerne das dinâmicas socioambientais que comandam a vida das comunidades ribeirinhas, indígenas e tradicionais. A água, como destaca o autor, é tanto manutenção da vida quanto identidade para aqueles que dependem dela para viver. Na obra, a ideia de uma Amazônia hídrica reflete o entrelaçamento dos ciclos naturais com as práticas culturais, criando uma teia de relações que se estende para além do território físico e adentra o espaço simbólico da identidade amazônica, como podemos observar nessa passagem:

O pescador sabe quando o cardume de jaraqui vem subindo. Como é que ele sabe? Nem ele próprio sabe direito como é que ele sabe. A gente sabe, me disse o Magá. Olhou para o rio, ficou cismando e concluiu: “Eu acho que eles já vêm é avisando agente que eles estão vindo. O pescador sabe” (Mello, 2002, p.59).

O autor também chama atenção para a devastação que ameaça esse ecossistema. As águas que comandam a vida na floresta estão sendo poluídas, desviadas e esgotadas por práticas predatórias, como a mineração e o desmatamento. Essa gestão ambiental é um dos principais desafios

enfrentados pela Amazônia e reflete o impacto de um modelo de desenvolvimento que não leva em conta a complexidade e fragilidade do bioma. A destruição das águas amazônicas implica no colapso ecológico e no desaparecimento de culturas inteiras que dependem desse recurso.

Outro aspecto que a obra de Mello enfatiza é a resistência das populações amazônicas, na capacidade de suas pessoas de enfrentar as adversidades, mesmo diante da violência ambiental e social que assola. Assim como a água que flui e encontra novas rotas em meio a obstáculos, os povos da Amazônia seguem resistindo e reinventando suas formas de vida em um cenário de constantes ameaças. Thiago de Mello fala dessa resiliência, ao mesmo tempo que denuncia as injustiças que essas situações sofrem, reforçando a necessidade de um olhar mais atento e sensível sobre a Amazônia:

(...) criaturas simples e humildes que constroem há centenas de anos a civilização da água, cujas leis e valores são tão diferentes das que marcam a vida atormentada dos grandes centros urbanos (...) seres que conhecem e amam a convivência solidária. Vivem numa sábia integração com a natureza, cujos rigores e virtudes condicionam sua maneira de viver. Tão harmonioso é o seu convívio com a natureza, que parecem confundir-se com ela (Mello, 2002, p.78).

Dessa forma, ao analisar a Amazônia a partir da obra *Amazonas, Pátria da Água* (2002), compreendemos a região como um organismo vivo, cujas dinâmicas e desafios ultrapassam a compreensão simplista ou isolada. A Amazônia é um espaço de vida em movimento, onde as águas comandam a existência e refletem as complexidades de um ecossistema interligado. Mello (2002), com sua linguagem poética e seu compromisso com a preservação ambiental, nos desafiamos a pensar a Amazônia de maneira holística, confirmando sua grandiosidade e a urgência de lutar por sua proteção.

O PAPEL DOS RIOS NA AMAZÔNIA: CONSIDERAÇÕES DE LEANDRO TOCANTINS

Para destacar a importância dos cursos de água na Amazônia, Leandro Tocantins descreveu os rios como as “veias do sangue da barragem” (Tocantins, 1972, p. 278). Para ele, os rios são muito mais do que meios de transporte ou fontes de recursos naturais: eles “comandam a vida”, pois sem eles a terra se tornaria um “vazio inexpressivo dos desertos” (Tocantins, 1972, p. 278).

Nesse contexto, a estiagem de 2024 apresenta uma ameaça direta à organização social, cultural e econômica das comunidades que dependem de

água para sobreviver. A falta de água afeta a agricultura, a pesca e até mesmo o transporte, uma vez que os rios secam e os barcos ficam encalhados, impossibilitando a movimentação de alimentos e insumos básicos.

O papel simbólico e prático dos rios é evidenciado quando o autor afirma que “o homem e o rio são os dois mais agentes ativos da Geografia humana da Amazônia” (Tocantins, 1972, p. 276). Essa afirmação ressalta a interdependência entre as populações ribeirinhas e os rios, cuja dinâmica influencia diretamente as características culturais e sociais da região.

Para Tocantins (1972), os rios “fazem girar a civilização” (Tocantins, 1972, p. 278), ou seja, sem o fluxo constante das águas, o comércio, a produção de alimentos e até mesmo o abastecimento de combustíveis ficam comprometidos, criando uma crise que afeta todas as esferas da vida das populações amazônicas. O controle da vida pelos rios, descrito por Tocantins, demonstra como a estiagem desestrutura o ambiente natural e os laços sociais efetivados pelas navegações intermunicipais que dependem da continuidade do ciclo hídrico.

A ideia de que a vida é “comandada pelo rio”, na obra de Tocantins (1972), está diretamente relacionada ao fato de que o rio regula o tempo e as atividades dessas comunidades. Ele define como possibilidades de colocação, de fornecimento de alimentos e até mesmo de acesso a serviços básicos. O rio molda a identidade do homem amazônico, que, ao viver em suas margens, internaliza a dinâmica cíclica de enchentes e secas.

Por outro lado, o impacto da estiagem, como visto em dois mil e vinte e quatro (2024), revela um lado triste dessa relação. Quando o rio, normalmente abundante, se seca, todo o sistema de vida ribeirinho entra em colapso. As mulheres entrevistadas mostram como suas rotinas foram desestruturadas pela seca, forçando-as a enfrentar uma realidade de isolamento, fome e incerteza. Sem o rio para facilitar a pesca, a agricultura e o transporte, essas populações se veem encalhadas, literalmente, nos bancos de areia.

Além disso, essa relação íntima com o rio também carrega uma carga simbólica, onde o homem amazônico se orienta culturalmente a partir de sua interação com o curso das águas. As enchentes e secas, portanto, estruturam a própria lógica de vida nas margens do rio, organizando o espaço, as relações sociais e o tempo das comunidades. É esse “comando” que o rio exerce sobre a vida.

Portanto, as palavras do Tocantins (1972) nos fazem refletir sobre o impacto da estiagem, demonstrando que a Amazônia é um ecossistema interligado onde a ausência de água pode estagnar a vida em várias esferas. Os rios, que antes “embelezavam a paisagem” e garantiam a “presença humana” (Tocantins, 1972, p. 278), agora revelam o quão frágil é a vida amazônica diante das mudanças climáticas, especialmente para as mulheres. Estas detêm grande responsabilidade na manutenção das atividades domésticas e produtivas, fortemente impactadas pela escassez de água.

METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, baseada em relatos orais e análise bibliográfica, com o objetivo de compreender o impacto da estiagem severa do ano de dois mil e vinte e quatro (2024) para as mulheres amazônidas e analisar as relações entre a vida humana e os recursos hídricos a partir das obras literárias de Leandro Tocantins (1972), Thiago de Mello (2002). A pesquisa foi dividida em três etapas principais que se complementam:

A primeira parte foi a realização de uma revisão bibliográfica sobre a Amazônia, com foco nas dimensões ambientais, sociais e culturais. As obras “O Rio Comanda a Vida” (1972), de Leandro Tocantins, e “Amazonas - Pátria da Água” (2002), de Thiago de Mello, foram utilizadas como referência principal para compreender a interdependência entre os rios e a vida amazônica. Também foi utilizado o conceito de complexidade de Edgar Morin (2011), a fim de compreender a interação entre os elementos naturais e sociais na região.

A segunda etapa da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas em que, segundo Manzini (2003, p. 15), “o roteiro deve ser flexível, permitindo que o entrevistador explore temas relevantes sem perder de vista o tema da pesquisa”. As entrevistas foram realizadas com três mulheres residentes em áreas atingidas pela seca no município de Tefé (AM). As entrevistas buscaram captar o impacto da estiagem na vida cotidiana dessas mulheres, abordando temas como abastecimento de água, acesso a alimentos, desafios de locomoção e o peso das tarefas domésticas em um contexto de desigualdade de gênero. As entrevistas foram transcritas e comprovadas à luz das teorias discutidas, com especial atenção para o impacto da seca sobre as mulheres, que historicamente têm um papel importante na administração dos recursos hídricos e na manutenção da vida doméstica.

A última etapa envolveu a análise comparativa dos relatos das entrevistadas com as perspectivas oferecidas nas obras de Leandro Tocantins (1972) e Thiago de Mello (2002). A metodologia de análise bibliográfica foi aplicada às fontes literárias para identificar padrões discursivos e simbólicos sobre o papel dos rios na vida amazônica e como o ciclo das águas influencia a organização social e cultural da região. As falas das entrevistadas foram interpretadas sob a ótica da complexidade de Morin (2011), destacando a relação entre o contexto ambiental e os desafios sociais enfrentados pelas mulheres da Amazônia.

Dessa forma, a metodologia busca integrar perspectivas teóricas e empíricas, valorizando tanto o conhecimento tradicional das comunidades quanto as reflexões literárias e acadêmicas sobre a Amazônia.

ANÁLISE DE DADOS

A Amazônia possui uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, no entanto, com o aquecimento do planeta, o período das grandes estiagens vem provocando consequências dramáticas. As secas têm se tornado mais frequentes e severas, os impactos socioeconômicos e ambientais associados a elas são latentes e devastadores. Segundo Silva (2013), a bacia hidrográfica do Rio Amazonas desempenha um papel essencial na regulação climática da região e na manutenção dos ecossistemas, sendo uma das maiores fontes de água doce do mundo. A preservação desse sistema é crucial diante das ameaças como o desmatamento e a manipulação ambiental, que agravam os efeitos das mudanças climáticas, intensificando secas e enchentes severas.

De acordo com o *Brasil Amazônia Agora* (2023), as secas na Amazônia, agravadas pelas manifestações do *El Niño*, têm causado uma série de impactos ambientais e sociais, como a redução dos níveis dos rios, aumento das queimadas e comprometimento das atividades econômicas das comunidades ribeirinhas.

Ao analisar os efeitos das secas no município de Tefé (AM), percebe-se que as mulheres, especialmente agricultoras, catraieiras¹ e defensoras da floresta e das águas, enfrentam desafios ainda maiores. Elas, que dependem dos rios para o transporte e produção de alimentos, precisam lidar com a escassez de água potável, percorrendo grandes distâncias para garantir o sustento de suas famílias. Essa realidade ressalta a vulnerabilidade das comunidades amazônicas.

As palavras de Leandro Tocantins (1972) iluminam essa relação entre as populações e os rios ao afirmar que o rio é o eixo da vida amazônica, uma artéria que sustenta tanto a floresta quanto seus povos. Assim, os cursos d'água transcendem sua função de manter a vida; eles também esculpem a identidade e a organização social das comunidades que se entrelaçam com suas águas. A importância dos rios na Amazônia vai além da economia, revelando-se como um elemento central na teia de relações que sustentam o cotidiano dessas pessoas.

Entretanto, uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas mulheres amazônicas reside na necessidade de percorrer grandes distâncias para garantir o acesso à água potável. Em muitos casos, a qualidade da água disponível é inconveniente para o consumo, ou que intensifica os desafios impostos pela natureza. Nesse sentido, a fala da entrevistada 01 ressoa com grande força: ao ser questionada sobre os obstáculos que as mulheres enfrentam diante das longas secas na região, ela enfatiza:

Pra nós agricultoras, assim que trabalha na roça, um tempo desse é difícil, porque ninguém pode nem fazer farinha, nem nada porque até os poços lá do centro seca tudo. Aí...tipo assim, a gente tentou se prevenir pra fazer uma farinha pra ver se consegue passar essa estiagem, mas é difícil a gente sempre acaba passando uma dificuldade aqui, outra ali. Essa semana mesmo a gente queria se juntar eu com a mamãe e com as minhas sobrinhas pra tirar um pouco de goma pra gente fazer. Não vai dar pra gente fazer isso porque vai faltar energia, pelo que a gente tá sabendo vai faltar energia amanhã e por esses dias, e a gente já não vai poder usar água, porque a gente tem medo de faltar água, aí ninguém vai poder mais fazer. (Entrevista cedida em 29 de setembro de 2024).

Através da narrativa em destaque, fica evidente que as mulheres que extraem da terra os alimentos que sustentam suas famílias enfrentam inúmeras adversidades. Entre as dificuldades, destacam-se as deficiências de água de qualidade, os problemas de locomoção e a falta de chuvas. A água, elemento primordial para a agricultura familiar, torna-se um bem escasso e precioso. Assim, como as mulheres são obrigadas a se deslocar por longas distâncias em busca de água potável, uma vez que a qualidade da água disponível muitas vezes se encontra comprometida, especialmente devido à mortalidade de peixes e ao esgotamento dos poços. Com a pendência das fontes hídricas, a responsabilidade de encontrar água adequada recai sobre elas, que se veem obrigadas a enfrentar um cotidiano marcado pela escassez, na busca incessante por sustentar suas vidas e a produção de seus alimentos.

A imagem abaixo ilustra de maneira a grave situação da qualidade da água durante a estiagem no ano de dois mil e vinte e quatro no município de

Tefé, Amazonas. A seca severa expõe os leitos dos rios, revelando a escassez de água potável que aflige as cidades no estado do Amazonas.

Imagem 1: Paisagem árida resultante da estiagem severa em Tefé, Amazonas



Fonte: Arquivo pessoal do repórter e fotográfico da Prefeitura Municipal de Tefé Franklin Pantoja Valério

Outra característica predominante entre as mulheres agricultoras, que ressoa com a obra poética de Thiago de Mello (2002), é a convivência conjunta pela solidariedade. Na fala da entrevistada, a necessidade de “se juntar eu com a mamãe e com as minhas sobrinhas pra tirar um pouco de goma pra gente fazer” revela essa profunda interdependência. Mello (2002) descreve essas mulheres como seres simples e humildes, que há séculos construíram a “civilização da água”. Segundo o poeta, essas mulheres são marcadas por uma convivência solidária, vivendo em harmonia com a natureza de tal forma que parecem se fundir com ela. Mesmo em meio à instabilidade, enfrentando “condições precárias” e “períodos de miséria”, essas mulheres são capazes de manter o amor e a solidariedade como pilares de suas existências. Para Thiago de Mello, a vocação fraterna dessas pessoas é o que lhes permite resistir, nutrindo laços profundos uns com os outros, mesmo diante das adversidades mais severas (Mello, 2002, p. 78).

É possível perceber que apesar das tentativas de prevenção, os períodos de estiagem se prolongam, acompanhados de temperaturas elevadas que dificultam a conservação dos gêneros alimentícios. A situação é ainda agravada pela constante falta de energia elétrica, uma vez que a vazante dos

rios torna inviável a chegada de combustível, devido às dificuldades de acesso às balsas que realizam o transporte. Como estratégia para evitar um pagamento total na cidade, a empresa fornecedora de energia elétrica utiliza racionamentos temporários e emergenciais não fornecendo em todos os bairros de maneira concomitante.

Diante desse cenário de incertezas, as mulheres da Amazônia enfrentam sérias dificuldades para produzir seus alimentos, resultado das constantes preocupações com a falta de energia e água potável. Essa situação gera prejuízos financeiros, uma vez que eles dependem da comercialização de seus produtos na feira municipal de Tefé, o que representa uma contribuição importante para a renda familiar. Assim, a interdependência entre a produção agrícola e a infraestrutura básica da região torna-se evidente.

Desse modo, no artigo *Seca e a saúde das populações residentes em regiões da Amazônia brasileira nos anos de 2005, 2010 e 2015*, Gomes *et al* afirmam que:

É preciso compreender que contra a ocorrência natural dos eventos climáticos pouco ou quase nada se pode fazer, no entanto a necessidade da resposta ao risco é de grande relevância. Diante deste cenário, o ideal é desenvolver ações para aumentar a resiliência ao que indiretamente reduz as ameaças. Com exceção das capitais, a maioria dos municípios Amazônicos é considerada comunidades vulneráveis diante desse novo cenário climático (Gomes *et al.*, 2021, p. 302).

No período de grande estiagem, os municípios no interior do Amazonas, vivem experiências de quase isolamento, pois os rios são as estradas condutoras intermunicipais. Com as águas baixas, dificulta a possibilidade de locomoção de grandes embarcações que abastecem os supermercados. Neste sentido, a grande estiagem tem acarretado impactos socioeconômicos como: aumento dos preços dos gêneros alimentícios e farmacêuticos e das tarifas de energia em residências e indústrias. Isso pode ser constatado na fala da entrevista 1 que relata:

Então pra nós que moramos aqui na comunidade e principalmente pra quem tem criança pequena, assim como eu, se torna mais difícil ainda, pra fazer compra, devido os preços das coisas que subiram, e ainda sofremos pra chegar até a cidade tanto na ida quanto na volta, pra carregar as coisas. Se torna tudo mais difícil com essa seca, até mesmo o acesso pra chegar nos postos de saúde né. Porque num tempo desse, e com esse clima, as crianças só vivem doentes (Entrevista cedida em 29 de setembro de 2024).

Mediante a fala em destaque, confirma-se que a seca é um evento climático perigoso que afeta diretamente a vida das mulheres, sobretudo as

que vivem em situação de vulnerabilidade. Uma vez que, durante o período sazonal as mudanças climáticas são desastrosas, e muitas dessas mulheres são submetidas ao calor extremo, com menos comida, sem acesso à água potável, com condições de vida instável, enfim com seus direitos básicos ameaçados. Além disso, doenças relacionadas ao sistema respiratório se tornam intensas neste período, e isso afeta diretamente a saúde das crianças e mulheres. Dessa maneira:

As populações dependem de suprimentos de alimentos e água, de estar livres de excessos de doenças e do conforto físico propiciado pela estabilidade climática. Ainda segundo a WHO, (2008) de forma mais intensa, desastres e surtos de doenças frequentemente ocorrem em resposta aos ciclos climáticos regionais extremos (Gomes *et al.*, 2021, p. 302).

As mudanças climáticas e o aquecimento global causam a redução drástica da água dos rios, que são os grandes condutores da vida na Amazônia, afetando profundamente a realidade das mulheres amazônicas. Nesse contexto, Thiago de Mello (2002) ressalta que o rio é mais do que uma simples via de transporte: é o fio condutor de experiências, aprendizagens, e misticismo. É do rio e com ele que se constrói narrativas de preservação, amor, solidariedade e superação. Ao mesmo tempo, o rio carrega em suas águas uma denúncia contra a inconsciência, a indiferença, a contaminação e o desrespeito pela vida. Essa teia simbiótica entre o rio e a vida das mulheres é exemplificada pelo relato da entrevistada 3, uma catraieira que reside em uma moradia flutuante, localizada no lago de Tefé, em frente a cidade:

Eu catraio pra muitas pessoas, professores, alunos e moradores dos Bairros do Abial, Colônia Ventura e do Conjunto Castanheiras, eu catraio também pra outras comunidades como: Socorro, Missão e Barreira da Missão. Mas, eu faturó mais catraioando atravessando do bairro do Abial pra Tefé. Só que com essa seca tá difícil pra nós, quase não consigo nem tirar a despesa da gasolina, “tô” com as minhas contas tudo atrasada, ainda bem que consegui renegociar minhas contas de luz que “tavam” pra cortar, mas não tá dando não. Ganho o meus sustento catraioando e como moro num flutuante, não dá pra plantar muita coisa e mesmo assim a água tá muito feia e temos que carregar água lá do bairro do Abial. Antigamente, pra beber uma água boa, a gente comprava e isso era antes da seca porque o faturamento era bom, todo dia a gente faturava e o dinheiro entrava bem, agora não tem as condições até a água aumentou, porque a gente comprava de 15 reais agora tá de 18 reais, aí não tem as condições, ou a gente compra água ou a comida, eu não posso deixar meus filhos passarem fome. De primeiro, quando o faturamento da catraia não ia bem, a gente pescava e pegava muito peixe da beira do flutuante, isso quando a água estava em cima, nós pescava de caniço e pegava: sardinha, pacú, aracú, e cará, nós tratava ali mesmo, depois fritava e comia com

farinha. Agora com essa secura está tão difícil, nunca mais comi um peixe bom fresquinho pescado e feito na hora, quando a gente vai no mercado só tem peixe feio, quase moído. A minha peleja tá grande nessa seca, só Deus sabe o que a gente enfrenta (Entrevista cedida em 01 de outubro de 2024).

As mulheres catraieiras, como a entrevistada acima, desempenham um papel importante na mobilidade da população entre o bairro do Abial e o centro econômico e comercial de Tefé, Amazonas. Elas operam pequenas embarcações conhecidas como “catraias” — definidas pelo Dicionário Michaelis (2024) como “pequenos barcos, normalmente construídos em madeira usados para transporte em áreas ribeirinhas” —, que transportam de 13 a 15 passageiros por viagem, cobrando em média R\$ 1,00 por pessoa. No entanto, a intensa estiagem que tem afetado a região compromete diretamente o trabalho dessas mulheres, já que a diminuição dos níveis dos rios impede a navegação. Esse cenário impacta a renda familiar, uma vez que a principal fonte de sustento dessas catraieiras é a atividade de transporte, essencial para a economia local e para a coesão social da cidade.

A imagem abaixo retrata o trajeto percorrido diariamente pela catraieira entrevistada, que transporta moradores do bairro Abial ao centro comercial de Tefé. No entanto, com a intensa estiagem que assolou a região, seu trabalho foi abruptamente interrompido, provocando uma queda drástica em sua renda e gerando instabilidade financeira. A interrupção desse serviço evidencia o impacto direto das mudanças climáticas sobre a vida dos povos da Amazônia, especialmente das mulheres, que enfrentam desafios ainda maiores para garantir o sustento.

Imagem 2: Trecho que liga o bairro Abial ao centro de Tefé, antes feito de catraia, agora acessível a pé



Fonte: Arquivo pessoal do repórter fotográfico da Prefeitura Municipal de Tefé Franklin Pantoja Valério

Diante de tais constatações, comprova-se que os rios da Amazônia não apenas vias de transporte; são o alicerce da vida, da cultura e da economia das populações ribeirinhas, em especial das mulheres das águas. Assim como poetizado por Thiago de Mello em *Amazonas, Pátria da Água* (2002), os rios são fontes de experiências e aprendizados que atravessam o técnico, o científico e o místico. Mello ressalta a importância desses rios para a sobrevivência humana e o equilíbrio ambiental, denunciando a inconsequência e o desrespeito que ameaçam a continuidade da vida na floresta. No capítulo “A Fundação da Pátria da Água”, o autor adverte sobre o perigo iminente da destruição da floresta e da própria vida amazônica, ao afirmar que “ergue-se das funduras de suas águas e dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que essa vida fique devagarinho, tomando o rumo do fim” (Mello, 2002, p. 16).

Essa percepção reforça a ideia de que, sem os rios, não há condições dignas de vida e sobrevivência para os povos da floresta. Além de sua função transportadora, que permite a mobilidade para o comércio e acesso a serviços, os rios fornecem o principal alimento da culinária amazônica: o peixe. Para as mulheres da Amazônia, especialmente as catraieiras e pescadoras, a estiagem afeta a renda e desestrutura o modo de vida. A ausência de águas navegáveis impacta diretamente o cotidiano e a subsistência das famílias que dependem desses recursos naturais, evidenciando que a preservação dos rios é imprescindível para a sobrevivência ecológica e cultural da região.

Este aspecto é evidenciado na fala da entrevistada de forma saudosa e emotiva, pois segundo ela, quando os rios estão cheios e ela não conseguia transportar as pessoas, a mesma recorria ao rio para pegar o peixe e alimentar sua família. A prática da pesca familiar é muito comum entre os moradores de casas flutuantes do Município de Tefé, é um meio de sobrevivência. A narrativa da entrevistada corrobora com o pensamento de Márcia Kambeba (2023), que o rio é essencial para a vida dos povos da Amazônia e são mais do que vias de transportes.

Além disso, com a estiagem a água tornou-se imprópria para o consumo, enquanto, anteriormente, a narradora dependia das águas do rio para a preparação de seus alimentos. Atualmente, ela é obrigada a adquirir em outro lugar água potável, e em virtude do aumento dos preços dos gêneros alimentícios provocados pela seca, teve que priorizar a compra de alimentos em detrimento da água. Para garantir o acesso a um recurso hídrico adequado, ela e seus filhos se deslocam até o bairro do Abial, transportando garrações em busca de água potável.

O relato da entrevistada revela que as águas estão contaminadas, refletindo a mortalidade de inúmeras espécies aquáticas, como botos, peixes-boi e diversas variedades de peixes. Este testemunho é permeado por reflexões que evidenciam as consequências das mudanças climáticas nas múltiplas dimensões da vida, com um foco particular nas vivências das mulheres amazônicas. A partir da escuta e da convivência com essas mulheres resilientes, que se encontram na linha de frente diante da estiagem, emerge a necessidade premente de se desenvolver políticas públicas que visem a mitigação dos impactos dessa crise hídrica, garantindo condições dignas de vida e sobrevivência para as comunidades afetadas.

A entrevistada 3 é professora de uma classe multisseriada e está cursando Letras-Língua Portuguesa, no Centro de estudos Superiores de Tefé (CEST), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ela destaca o seguinte:

Sou professora de multisseriado aqui na Comunidade de Vila Bastos e estudo Letras na UEA. A estiagem afetou muito a minha vida, primeiro que não posso mais ir pra Tefé estudar, pois minha aula é de noite e tenho que sair daqui da comunidade cinco horas da tarde pra chegar as 7h da noite na UEA. Agora com a seca ficou mais difícil, pois já tive minha canoa e meu motor roubados, já fui assaltada porque minha aula só termina depois das 22h. Neste período fiquei arrasada e pensei muito em desistir, o que me fez voltar foi colocar na frente o meu sonho que é terminar minha faculdade. Eu casei muito cedo, nisso tive sete filhos e tive que deixar os estudos de lado pra me dedicar na

criação deles e na agricultura também. Como agora eles já estão grandes, é o meu objetivo terminar a minha faculdade. Terça-feira, as aulas da escolinha que eu trabalho foram suspensas por 20 dias, pois com a seca tá difícil para os barcos que trazem a merenda escolar, eles não entram e ficam encalhados quando vem muita carga e as balsas também. E como as balsas não conseguem entrar na cidade para abastecer as usinas, está faltando combustível, e se não bastasse a quentura infernal, agora estamos enfrentando a falta de luz. E por incrível que pareça, quando a seca é grande os temporais nos finais de tarde são severos, com isso muitas árvores caem por cima dos fios dos postes e a gente chega a ficar mais de cinco dias sem luz. Quando a água tá aqui em cima é bom, mas com essa água do jeito que tá podre e lamacenta fica impossível a gente usar pra beber e tomar banho. Minhas filhas tomaram banho e adoeceram da pele com tanta coceira e bolhas cheias de pus pelo corpo, foi muito complicado pra mim porque os médicos não tão vindo pra comunidade, devido essa secura. Quando elas pioraram, tive que levar elas no hospital e foi pior que acabaram adoecendo mais por conta da quentura pegaram virose e infecção não foi fácil esses dias pra mim. O mais triste é proibir elas de tomarem banho no rio, elas amam o rio e cresceram assim, por esses dias elas choraram pois sentem falta de pular n'água que é a brincadeira favorita delas. Dei graças à Deus que as aulas da UEA tão on-line, mas todo castigo pra nós mulher parece que é pouco, como é que vou poder acompanhar as aulas remotas se tem falta de luz direto pra gente? Não consigo acompanhar as aulas porque tem vez que chega faltar luz por mais de três dias na semana. E o nosso rio, que antes era fonte de vida, agora com essas doenças no corpo da minha filha virou fonte de doença, muito triste tudo isso. Pra mim tudo isso é desesperador, nunca vi isso antes e meu marido que ajuda em casa pescando, nem isso ele pode mais fazer, porque nosso rio secou não vejo a hora isso tudo acabar. (Entrevista cedida em 30 de setembro de 2024).

A fala da entrevistada 3 ilustra claramente os desafios profundos que a estiagem exige tanto à sua vida pessoal quanto à sua comunidade. Como professora de multisseriado, ela expõe um cotidiano atravessado por obstáculos que vão desde a inviabilidade de ir à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) para estudar, até a insegurança enfrentada com a perda de sua canoa e os assaltos. Esses relatos ilustram de maneira contundente a centralidade da água na vida das comunidades ribeirinhas, conforme apontado por Leandro Tocantins (1972), que destaca como os rios, além de serem fonte de sobrevivência, funcionam como meios indispensáveis para garantir a mobilidade e o acesso à educação.

A suspensão das aulas na escola local, devido à dificuldade no transporte da merenda escolar, é outro exemplo da estreita relação entre a crise hídrica e a educação, bem como a nutrição das crianças. A impossibilidade das balsas chegarem ao porto, responsável pelo

abastecimento da cidade, mostra a interdependência entre a infraestrutura de transporte e a oferta de recursos básicos para as famílias da região. Tocantins (1972) já ressaltou essa dependência dos rios, que não apenas organizam a economia local, mas sustentam todas as esferas do cotidiano, sendo sua ausência devastadora.

O relato da entrevistada também evidencia a resiliência e a força das mulheres amazônicas, que, diante de crises ambientais recorrentes, optam por resistir. Apesar de muitas migrarem em busca de condições melhores, a narradora optou por permanecer e enfrentar a força implacável da natureza. Essa decisão se insere em um contexto maior, não como as mulheres do norte, especialmente da Amazônia, são frequentemente vistas como símbolos de resistência e adaptação em meio ao caos ambiental. Sua conexão com a terra e os rios é uma parte intrínseca de sua identidade, reforçando a ideia de que a Amazônia é muito mais do que um território — é também o alicerce de suas vidas e de quem elas são.

O relato em análise denota também impressões pessoais e subjetivas mostrando que a natureza absorve e prende a mulher em suas malhas, pois o rio de fato domina a vida da narradora. A sensação de vulnerabilidade diante da magnitude das forças naturais é clara em suas palavras, refletindo uma realidade em que o rio influencia e domina a dinâmica cotidiana da região. A crise provocada pela estiagem, revela como o rio se torna um fator determinante para a sobrevivência e a mobilidade. Nesse sentido, as palavras de Leandro Tocantins (1972) são importantes para a compreensão da importância das águas na vida dos povos amazônicos:

O rio, sempre o rio, unido ao homem. Em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinantes das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem eles o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezam a paisagem, fazem girar a civilização comandam a vida no anfiteatro amazônico (Tocantins, 2002. p. 278).

O rio manifesta-se como componente fundamental na vida amazônica, determinando o percurso e o progresso das histórias das mulheres que optam por permanecer e enfrentar as adversidades climáticas dessa região. Essas

mulheres estão intrinsecamente ligadas ao rio, que funcionam como um fio condutor, representando um elemento sagrado. Quando o rio se ausenta por longos períodos, deixando apenas vestígios de sua grandiosidade, o sentimento que permeia a vida dessas mulheres é de incompletude, pois é ele quem orienta suas existências.

Na passagem “Pra mim tudo isso é desesperador, nunca vi isso antes”, manifesta-se uma preocupação profunda e uma avalanche de incertezas, corroborando a afirmação de Mello (2002) que alerta no prefácio de sua obra que a Amazônia está caminhando lentamente para um possível declínio. Ele enfatiza a necessidade urgente de proteger a floresta, destacando que, a cada ano, grandes extensões verdes desaparecem de forma irreversível. Mello também denuncia que, se as ações governamentais não forem eficazes, a floresta será destruída não apenas pela ação direta de motosserras e queimadas, mas também pela negligência, incompetência e falta de compromisso com seu governo.

Diante disso, é preciso pensar:

A necessidade de programar estratégias de adaptação direcionadas para proteger a saúde pública quer ou não sejam adotadas ações para mitigar os impactos dos eventos climáticos extremos. A capacitação é um passo preparatório essencial. A adaptação à estes eventos irá exigir mais do que recursos financeiros, tecnologia e infraestrutura em saúde pública. Educação e conscientização unidas a instituições proporcionará um ambiente que possibilite que as pessoas tomem decisões bem informadas e sustentáveis de longo prazo, são todos elementos necessários (Gomes *et al.*, 2021, p. 302).

Em suma, as falas das entrevistadas refletem as múltiplas camadas de desafios enfrentados pelas mulheres amazonenses durante períodos de estiagem, com consequências que vão além da esfera física e material, impactando profundamente a saúde, o bem-estar emocional e o sentido de pertencimento dessas mulheres ao território amazônico. O rio, que normalmente simboliza vida, movimento e subsistência, transforma-se em fonte de angústia quando ausente, apontando a fragilidade das condições de vida que dependem diretamente dos ciclos naturais. A resistência dessas mulheres, ao mesmo tempo que reforça sua conexão com a terra e as águas, também expõe as vulnerabilidades que enfrentam, seja na saúde de suas famílias ou no acesso à educação e aos serviços básicos, revelando a centralidade do rio em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES

As considerações finais desta pesquisa ressaltam a complexa relação entre as mulheres do médio Solimões e o rio, elemento central de suas vidas. A análise das falas ressalta que a estiagem afeta diretamente a subsistência dessas mulheres, impondo desafios como a falta de acesso a recursos básicos, educação e saúde. Esse cenário de vulnerabilidade extrema foi abordado por autores como Leandro Tocantins (1972), que destaca o papel indispensável dos rios na organização social e econômica da Amazônia. O rio, mais do que um recurso natural, atua como fio condutor da identidade e do cotidiano dessas comunidades, determinando o ritmo de suas vidas, como revela a própria narrativa das entrevistadas.

A vulnerabilidade das mulheres em eventos climáticos catastróficos, como a seca, demonstra que as desigualdades de gênero se acentuam diante da precariedade ambiental. Esses aspectos estão em consonância com as reflexões de autores como Mello (2002), que alerta para os riscos de uma Amazônia que aos poucos pode perder suas características essenciais, levando a uma possível desintegração das formas de vida que dependem de suas águas.

Portanto, as vozes apresentadas denunciam as dificuldades enfrentadas, mas também reforçam a necessidade de que políticas públicas emergenciais sejam realizadas, com foco na mitigação dos impactos climáticos na vida das mulheres amazônicas. Através dessas vozes, fica claro que o rio não é apenas parte do ambiente; ele comanda o modo de viver, de existir e de resistir na Amazônia. Assim, quando ele falta, falta também o equilíbrio que sustenta a vida na região, deixando um vazio que ameaça não só a subsistência, mas a própria identidade dessas mulheres e suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL AMAZÔNIA AGORA. IMPACTOS DA SECA NA AMAZÔNIA: EL NIÑO AGRAVA ESTIAGEM EXTREMA. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://BRASILAMAZONIAAGORA.COM.BR/2023/IMPACTOS-SECA-AMAZONIA/](https://brasilamazoniaagora.com.br/2023/impactos-seca-amazonia/). ACESSO EM: 03 OUT. 2024.

GOMES, A. C. DOS S., COSTA, G. B., SILVA, J. T. DA, COUTINHO, M. D. L., COSTA, M. DA S., & FITZJARRALD, D. R. (2021). SECA E A SAÚDE DAS POPULAÇÕES RESIDENTES EM REGIÕES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA NOS ANOS DE 2005, 2010 E 2015. REVISTA BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA, 23.

MANZINI, E.J. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA. IN: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (ORGS.) COLÓQUIOS SOBRE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. LONDRINA:EDUEL, 2003. P.11-25.

MELLO, THIAGO DE. **AMAZONAS PÁTRIA DA ÁGUA**. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2002.

MICHAELIS. **CATRAIA**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://MICHAELIS.UOL.COM.BR/PALAVRA/W9ZR/CATRAIA/#:~:TEXT=1%20MAR%20PEQUENO%20BARCO%2C%20NORMALMENTE%20CONSTRU%20%20%20%20%20PEQUENA%2C%20DE%20VALOR%20INSIGNIFICANTE](https://michaelis.uol.com.br/palavra/w9zr/catraia/#:~:text=1%20MAR%20PEQUENO%20BARCO%2C%20NORMALMENTE%20CONSTRU%20%20%20%20%20PEQUENA%2C%20DE%20VALOR%20INSIGNIFICANTE). ACESSO EM: 03 OUT. 2024.

MORIN, EDGAR. **AMOR, POESIA, SABEDORIA**. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 1998.

MORIN, EDGAR. **INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO COMPLEXO**. TRADUÇÃO ELIANE LISBOA. 4ª ED. PORTO ALEGRE:SULINA, 2011.

SILVA, MARIA DO SOCORRO ROCHA DA. **BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ENQUADRAMENTO E PRESERVAÇÃO**. 2013. 199F. TESE (DOUTORADO EM QUÍMICA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2013.

TOCANTINS, LEANDRO. **O RIO COMANDA A VIDA – UMA INTERPRETAÇÃO DA AMAZÔNIA**. 9ª ED. MANAUS: EDITORA VALER/EDIÇÕES GOVERNO DO ESTADO, 2000.